

AS MARGEM

SEMÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTÓNIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesense

A' MARGEM

DESESPÊRO, por Artur Tojal. — Dedicado a seu padrinho Augustó Gama, filho do grande escritor Arnaldo Gama, publicou o camarada Artur Tojal, um livro de versos com este título, prefaciado pelo dr. Rolão Preto. Livro dum novo êle marca bem a hora trágica que vivemos, confusa na sua verdade, paradoxal e mentirosa na sua realidade — que acabaria em *desespêro*, se uma vontade forte, um querer constante, uma alma môça, se não revoltasse contra êle e não o dominasse, transformando-o em esperança e promessa.

E' por isso que no meio do *desespêro* há mensagens de esperança, de alegria, da vida e também crítica severa e desassombrada a tudo o que causa o entorpecimento da nossa alma lusitana.

Dentre elas destacamos a *Canção do Sol* e a *Canção Nacional*, e outros sonetos desejariamos transcrever, onde se nota com sensibilidade do poeta o grito da sua alma môça.



CANÇÃO DO SOL a nascer
Fecundando a Natureza,
Puxando à seiva o viver
Numa benesse à pobreza!

Canção do Sol ao meio dia
— Auge de intenso calor —
Bendita seja a alegria
Que vem dar ao cavador.

Canção do Sol a morrer
Desmaiando lá no poente,
Esp'ranças a fenecer
No peito de tôda a gente!...



A CANÇÃO NACIONAL

Guerreiro heróico, o português de
antanho
De altos feitos pejou a nossa His-
tória,
E no Mundo mostrou poder tamanho
Que ainda hoje vive na memória!...

De Afonso a Nuno, êsse valor estra-
nho,
Que ao vêlho Portugal deve tanta
glória,
Foi forjado na luta; assim foi ganho
Maior poder na mais audaz vitória!...

Caravelas saídas lá do Tejo
Foram à Índia e ao Brasil amado,
Como do Infante foi sonho e desejo...

Hoje, a ralé, cuspindo no Passado,
Lá nessa Alfama berra, sem ter pejo,
Ser *Canção Nacional* o ignóbil Fadol!...

DESORIENTAÇÃO OU PERVERSÃO?

VÃO realizar-se êste ano as festas comemorativas dos oito séculos da existência de Portugal, satisfação que poucas nações no mundo podem ter como nós. Qual é, porém, o nosso estado de espírito neste ano de festas centenárias? Entusiasmo? Vibração? Alegria? Infelizmente, não. Algumas sombras passam sobre nós neste instante da nossa vida. A' desorientação duns, fatigados de viver em boa ordem, junta-se a perversão doutros, desejosos de fazerem à Nação o maior mal possível; e tudo isto, conjugado, dá margem à criação duma vaga doentia de boatos, segundo os quais parece que vagamente se conspira...

Desorientados, sempre os houve entre nós. Durante largos anos, dominaram por completo a vida política portuguesa, comandando dos cafés do Rossio os governos do Terreiro do Paço, através dos deputados de S. Bento. Essa política de desorientados não podia deixar de ser uma política de desorientação: e a tal ponto ela chegou — a desorientação política — que em Maio de 1926, salvo a pequena patrulha que detinha o Poder, todos estavam de acôrdo em que o País ia de mal a pior e em pedir que se iniciasse vida nova. Estavam todos de acôrdo: a opinião pública e a opinião dos próprios partidos constitucionais. E ainda nos lembra perfeitamente o acolhimento de gargalhada que o público fazia, diante dos placards do Rossio, às notas officiosas em que o Governo proclamava estar senhor da situação e ter jugulado o movimento militar chefiado pelo General Gomes da Costa; — movimento que correspondia tanto ou tam pouco aos anseios do País que, caso único na história das nossas revoluções, não exigiu o disparo de um só tiro!

Perversos, sempre os houve também em Portugal. Já Camões proclamara no seu tempo que entre os portugueses traidores houve algumas vezes...

Podem servir interesses materiais ou interesses ideológicos. Em qualquer dos casos, porém, servem todos os interesses — menos os da Nação. Ora, a divisa do Estado Novo é precisamente *nada contra a Nação, tudo pela Nação*: e daí o serem estes perversos inimigos irreconciliáveis do Estado Novo.

Que pretendem, agora, uns e outros, unidos? E será mesmo possível que se unam para um fim comum os desorientadores que, no fim de contas, são portugueses, com os perversos que, embora hajam nascido em Portugal, são inimigos da Nação? Os primeiros devem ter saúdades da desordem, tam certo é que só sabemos o bem que temos depois de o perdermos...

E' claro, se desta aliança híbrida tiver de resultar alguma coisa na ordem prática, isto é, se tiver de passar do domínio do pensamento para o da acção, o resultado só poderá ser um: — a sua derrota completa.

Mas, não seria preferível para todos — para os que haveriam de vencer e para os que haveriam de ser vencidos — evitar tristes espectáculos em Portugal, agora que passámos a ser despeitados no mundo como modelos de ordem e disciplina? Pomos o problema à consciência dos portugueses, antecipadamente certos de que a resposta só pode ser uma.

A' MARGEM

MENSAGEM DAS BANDEIRAS VITORIOSAS A' JUVENTUDE GUERREIRA DE ESPANHA — Em separata recebemos êste esplêndido discurso pronunciado em Saragoça por Fermin Yzardiaga, Delegado Nacional de Imprensa e Propaganda da F. E. T. e das J. O. N. S., em Julho de 1937. Verdadeiro hino à nova Espanha, a separata desta *mensagem* é ilustrada com os retratos de José António e Generalíssimo Franco.



ENTRE CASTELOS E QUINAS do Conde de Alvelos e do jornalista Jaime Ferreira.

Editado pela Livraria Educação Nacional, do Pôrto, deve aparecer brevemente um livro de crónicas e reportagem da visita a Portugal, em Outubro de 1938, de Infanta D. Filipa de Bragança. Transcrevemos, devido à gentileza do nosso amigo Jaime Ferreira, uma parte da reportagem que se refere à visita que S. A. fez a Guimarães.



NA IMPOSSIBILIDADE de o fazermos hoje, publicaremos no próximo número algumas notas sobre as conferências que o Dr. Gemelli, Reitor Magnífico da Universidade do Sagrado Coração, de Milão, fez nesta semana na cidade do Pôrto.



TAMBÉM deixamos para o próximo número a referência a alguns livros que nos foram oferecidos. Hoje, esquecida a gravidade do momento da hora que passa no Mundo, lancemo-nos na leitura, sem ser a dos jornais.

«SE INFELIZMENTE NOS FALTA AMBIENTE EUROPEU — E A CULPA NÃO É NOSSA — NÃO DEIXA, ENTRETANTO, DE CONSTRUIR ADMIRÁVEL ESPECTÁCULO PARA O MUNDO, O DE UMA NAÇÃO QUE, EM MEIO DA CRISE E DA PERTURBAÇÃO GERAL, FESTEJA TRANQUILAMENTE OS SEUS OITO SÉCULOS DE EXISTÊNCIA. PODER FAZÊ-LO, QUERER FAZÊ-LO NA ACTUAL CONJUNTURA, SIGNIFICA FORÇA, VITALIDADE, CARÁCTER, CONFIANÇA NOS PRÓPRIOS DESTINOS, GRANDEZA DE ANIMO, EXEMPLO DE VIRTUDES CÍVICAS E DE CORAGEM MORAL.»

AUGUSTO DA COSTA.

JÚLIO DANTAS.

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

NOTICIÁRIO

2.º Domingo da Quaresma

Evangelho (Mat., XVII, 1-9).—Tomou Jesus consigo a Pedro e a Tiago e a João, e conduziu-os a um alto monte apartado, e transfigurou-se diante deles. O seu rosto ficou brilhante como o sol, e os seus vestidos fizeram-se brancos como a neve. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias falando com ele. E, levantando Pedro a voz, disse a Jesus: «Senhor, bom é que estejamos aqui: se queres, façamos aqui três tendas, uma para ti, outra para Moisés, outra para Elias». Estando ele ainda a falar, uma nuvem luminosa os cobriu. E eis que sai da nuvem uma voz que dizia: «Este é o meu Filho querido, em que tenho pôsto toda a minha complacência: escutai-o». E, ouvindo isto, os discípulos caíram com a face em terra, e tiveram grande medo. Mas Jesus chegou-se a eles, e disse-lhes: «Levantai-vos, e não temais». Erguendo eles os olhos, a mais ninguém viram, senão somente a Jesus. Quando desciam do monte, pôs-lhes Jesus preceito, dizendo: «Não digais a pessoa alguma o que vistes, enquanto o Filho do Homem não ressurgir dos mortos».

Homília — Que relação há entre a transfiguração e o Calvário? S. Leão responde: «Nosso Senhor transfigurou-se para nos fazer compreender a economia do grande mistério da paixão» para o qual a Igreja nos prepara durante este tempo da Quaresma.

Belém e Nazaré mostram-nos Jesus humilde e pobre. As cenas da Paixão apresentam-nos-lo fraco, impotente, saturado de opróbrios, coberto de ignomínias, o último dos homens ou melhor ainda, quasi sem aparência de homem. O excesso dos seus sofrimentos e a ignomínia da sua morte escandalizam os judeus carnais e os pagãos orgulhosos... e, no entanto, Moisés e Elias vem falar desses sofrimentos e ignomínias com o Homem-Deus sobre o Tabor, para que nós todos compreendamos que eles estavam preditos, eram esperados e aceites livremente e seriam coroados de glória e de poder.

O rosto que será profanado pelos escarros e bofetadas, desfigurado e desprezível, torna-se, no Tabor, mais resplandecente do que o sol. O corpo que será ferido e ensangüentado, torna-se brilhante. Os vestidos que serão jogados à sorte, tem mais brilho do que a neve.

O Tabor tira o escândalo da cruz e do Calvário.

... A transfiguração diz-nos que aquêle que nós havemos de seguir com lágrimas em tôdas as cenas dolorosas da Paixão, é verdadeiramente, por sua natureza, consubstancial com Deus Pai, coroado de glória e honra, o Rei do céu, a alegria dos Anjos, o Juiz soberano que há-de vir um dia, com todo o brilho da sua Magestade, julgar todos os homens.

Sendo Jesus Nosso criador e redentor, nós devemos-lhe pertencer inteiramente.

Mas quando o vemos, por amor de nós, renunciar à sua glória para nos dar sangue e vida, que dedicação e amor não devemos ter por êle! Devemos estar prontos a humilhar-nos, a *crucificar a nossa carne com seus vícios e concupiscências*, a, por êle e em união com êle, tudo suportar de bom grado. Infelizmente, muito poucos cristãos compreendem estes divinos ensinamentos e esta necessidade de sofrer para merecer a glória.

A transfiguração é pois, meus irmãos, um estímulo para os sentimentos de fé, reconhecimento e amor, para a nossa paciência e generosidade no aceitar os sofrimentos e provas, e para mais firmemente esperarmos o céu. Crer em Jesus, observar os seus Mandamentos, amá-lo, sofrer de boa vontade com êle e por êle, eis o caminho da perfeição, da salvação e da glória. Pensemos continuamente nisto e com o auxílio da graça procuremos tornar-nos cristãos verdadeiramente transfigurados... e esta transfiguração espiritual será o penhor da que um dia receberemos pelos méritos de Jesus Cristo. Amem.

Festa do B. João de Brito Na igreja da Oliveira

Sabado, 17, às 22 horas, exposição do SS. Sacramento, hora de adoração e bênção eucarística.

Domingo, 18, às 8 horas, missa cantada, prática, comunhão geral para obter a pronta canonização do Bem-aventurado; às 17 horas, exposição do SS. Sacramento, terno, sermão pelo R. P. Joaquim Moreira Neto, S. J. bênção solene e hino do Bem-aventurado.

A parte musical está a cargo da «Schola Cantorum» do Seminário da Costa.

Comunhão Pascal

Na igreja de N. S. da Oliveira principiou na quinta-feira um tríduo de pregações preparatórias para a Comunhão Colectiva que as senhoras da Acção Católica farão amanhã, Domingo.

E' pregador o rev. padre Horácio, de Ronfe.

Vida Religiosa

No dia 13 realizou-se na capela de N. S. da Guia uma festividade em honra de N. S. de Fátima, com missa cantada e bênção do SS. Sacramento.

— Principiaram já os sermões quaresmais. A's sextas-feiras são feitos, na igreja do Campo da Feira, pelo rev. dr. Tobias Ferraz, professor do Seminário da Costa, e aos domingos, em S. Francisco, pelo rev. padre José Dias, da Povoia de Lanhoso.

Visado pela

Comissão de Censura

Aniversários

Fazem anos nos dias a seguir indicados os ex.^{ms} senhores e senhoras:

Dia 19 — Mário Emilio Rodrigues de Almeida.

Dia 20 — José Cabral de Noronha e Menezes e António Cândido Carvalho Miranda.

Dia 21 — D. Maria da Conceição Martins Aranha Furtado de Mendonça e Henrique José de Melo Breyner Cardoso de Menezes.

Dia 22 — Alberto José Passos de Oliveira.

Dia 23 — D. Maria Arminda Freitas do Amaral Lobo Machado.

25 — Gaspar Ferreira Paúl

As nossas felicitações.

Missa de Sufrágio

Foi muito concorrida a missa do 7.º dia por alma da senhora D. Laura Duarte Guimarães Xavier, celebrada no dia 13 na igreja de Mesericórdia.

Propaganda das Comemorações Centenárias

Devem fazer, brevemente, palestras radiodifundidas pela Emissora Nacional, os srs. Dr. Américo Durão e Alfredo Guimarães, em propaganda das Comemorações Centenárias em Guimarães.

Avisos

Todos os proprietários de hotéis, restaurantes, cafés, tabernas e mais estabelecimentos sujeitos à licença de «porta

“Entre Castelos e Quinas”

Guimarães estava no programa das cidades a visitar. Terra da fundação da monarquia, berço de Afonso Henriques, do Papa S. Dámaso, do Cardinal Paio Galvão e de numerosas e ilustres personalidades, não podia deixar de ser vista, em peregrinação patriótica espiritualista, pela Senhora Infanta. As ruas antigas, de empedrado tóscico e aroma que tresanda a tanques de curtidura, tem característico especial, que se coaduna bem com a tradicional velhice da *Vimaranes*, onde a Condessa Mumadona, instituiu, no século X, o primeiro convento para frades e freiras, em honra do S. Salvador do Mundo. Sede da primeira corte portuguesa, Guimarães sustenta relíquias valiosas do seu passado de glória. O Santuário de Nossa Senhora da Oliveira, que, com o de Santiago da Galiza, constitue o melhor par da península, mereceu atenção especial do rei cognominado de o *Bravo*, que o visitou em 1340, sendo mais tarde valorizado com a igreja que D. João I mandou edificar — obra artística de imponência considerável, que recolhe entre suas paredes de pedra, grossas, quasi invulneráveis à acção do tempo, o celebrizado oratório de prata oferecido pelo rei instituidor do magnífico templo.

As ruas da parte velha da cidade

aberta», que ainda não estejam munidos dela para o corrente ano, devem requerê-la imediatamente, sob pena de lhes ser aplicada a multa determinada pelo Regulamento do Governo Civil.

Durante este mês está em pagamento a Taxa Militar.

Operação

No Hospital do Carmo, do Pôrto, foi operada, felizmente com êxito, a sr.^a D. Noémia Teixeira de Abreu Ribeiro, esposa do sr. António Emilio da Silva Ribeiro.

Doentes

Têm estado ligeiramente doentes os filhinhos do sr. Alberto Costa: Maria Margarida, Maria Lúcia, Miguel e Alberto.

— Também tem estado um pouco doente a menina Maria José, filha da sr.^a D. Joana Viamonte da Silveira L. Machado.

— Estão, com nosso regozijo, restabelecidos de saúde os srs. padre Augusto Borges de Sá e padre Gaspar Nunes.

— Já se encontra também bom o sr. José António Martins de Sequeira Braga, competente architecto.

— Continua a melhorar o sr. padre Luiz Gonzaga da Fonseca.

— Para Lisboa seguiu, em viagem comercial, o sr. José Jacinto de Carvalho.

serviram para a evocação sentimental a D. Filipa; o Santuário e a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, para demorada inspeção visual e para suas preces por Portugal histórico, civilizado e civilizador; o castelo — ruínas de muros restaurados — para sua Alteza se emocionar, sentindo-se feliz ao passear seus corredores de pedra e ao olhar a cidade, lá do alto, através das ameias por onde outrora aproveitavam guerreiros vigilantes, corajosos, dispostos a sustentar a inviolabilidade do território fundado por D. Afonso Henriques.

Junto dos restos da torre albarrã, a neta de D. Miguel I sentiu o coração abalar-se-lhe e o espírito estremecer. Ali desenrolaram-se cenas heróicas e trágicas, ali consolidou-se o nome e o prestígio da nacionalidade, ali escreveram páginas históricas o Infante D. Afonso e D. Diniz, ali assegurou-se o direito de sucessão, no século XIV, com marcada superioridade do grande Mestre de Aviz...

D. Filipa de Bragança visitou, também, o museu de Alberto Sampaio, onde admirou as suas preciosidades, os paços dos Duques de Bragança, a colegiada; olhou com interesse a estátua de D. Afonso Henriques e a pia da antiga capela de S. Miguel, onde o rei *conquistador* recebeu o simbólico banho baptismal e, por fim, deu recepção a um punhado de titulares e a simples monárquicos...

(Do livro, a aparecer, do sr. Conde de Alvelos e Jaime Ferreira).

CARTAS... Notas da Guerra Incorrigíveis Corporativismo

Terezinha:

Barragens de balões cativos

A tua carta foi uma surpresa e uma revelação! Sem resposta minha, há tanto tempo, não te repugnou voltar a escrever-me! perdoa, minha «pequenita»! (que ironia... se em altura me levás a palma!) mas, os anos?! és, permites até, que te chame... o meu bebé querido...

Referente à revelação, que a tua carta me deu de ti, foi o sentir... como rapidamente foges de criança... para mulher! hora de tôdas as cautelas, hora de surpresas, Terezinha, de tentações, e até de amarguras! hás-de vencê-las tôdas; bastava-me para esta convicção, ler as tuas últimas linhas!

Não foram aceites os convites para bailes carnavalescos; o teu proceder foi acertado! Só posso louvar-te, não necessitas encharcar em lódo a tua pureza.

Festas familiares, bem, isso é outra cousa; tanto mais que os teus sabem onde te levam e as casas que frequentam.

Pobrezita... dizes-me que estás deslocada, que as raparigas que te rodeiam riem, porque não fumas, porque receias afastar-te dos teus, com elas... e eles...! não liguas a menor importância a tudo isso! — se elas são frívolas, desnorteadas, — se a inteligência lhes não dá para mais, lamenta-as tu, e usa de caridade! pobres fôlhas batidas do vento, que o menor sôpro derubará!

Ainda há pouco assisti a uma festa... Se soubesses Terezinha, como sofri, ao ver a juventude em completo abandono... até, das normas da estética!...

Um corredor, cheio de rapazes e raparigas, onde o fumo... e os cigarros... se confundiam: elas, com uma perna apoiada às paredes, ares provocantes (género meninas cinéfilas!) senti dó, das pobres crinças... e tive vontade de bater nos Pais! Afinal, para ouvir em seguida o escárneo e a censura daqueles que, momentos antes, as adulavam.

Que miséria humana!
Eu creio que a nossa geração supõe estar numa «era de civilização»!...

Engano fatal! até o próprio Carnaval, quadra que agora atravessamos, nos indica os instintos de selvageria que brotam na humanidade! há quem, durante o ano inteiro, mantenha «o sério»...

Chegam estes dias, que ávidos esperam e lançam-se, em tôda a casta de divertimentos, de baixez e brutalidade!

Olha Terezinha, a tua carta tam desanimada, é afinal uma manifestação do belo que existe dentro de ti própria!

A superioridade do teu espírito revela-se... nos teus dizeres! há uma frase, que me fêz vibrar, pelo que encerra de grande! — «chego a lamentar, que me tivessem dado uma educação tam esmerada, e que profundassem tanto a minha ilustração!» — E isto porque, à tua volta, encontras a banalidade, (na maioria dos casos) e o desprezo pelas tuas condições e pelas tuas bases de sólida moral! Mas nada receies; a mulher tem uma missão sublime! ser mãe e ser a companheira fiel e dedicada daquele que o seu coração escolheu; é para ésdes deveres que te prepararam e não para esta passagem breve da aparição na sociedade.

Segue o teu caminho, Terezinha e acredita na minha profecia... a tua candura afastará de ti os maus, só

Um novo processo de guerra na defesa anti-aérea é a barragem de balões cativos, usado na Inglaterra como na Alemanha, mas, visto a guerra até agora não ter dado resultados práticos na utilização do mesmo, o seu valor ainda está muito por discutir.

Há três processos para a colocação de barragens: a baixa altura até 1.000 metros, depois à altura de 5.000 metros e a grande altura, de 8 a 10.000 metros.

Sendo na Inglaterra a protecção usada para Londres e os grandes centros industriais, a adopção correspondente deve ter lugar na Alemanha.

O grande segredo da arma de Aeronáutica Alemã é a fabricação das amarras destes balões, as quais são as próprias armas, visto cortarem as asas dos aviões que lhes tocam.

Consta que tais amarras são especialmente delgadas e têm um alongamento e uma resistência excepcionais.

Estes cabos permitem efectivamente aos balões subir a 10.000 metros.

Só raras vezes no entanto, devido às condições atmosféricas na Alemanha, esta altura pode ser utilizada, visto as nuvens em média, em dez meses do ano, quasi sempre estarem abaixo de 3.000 metros.

A velocidade de subida é calculada em 15 minutos em 10.000 metros, e o balão não está preso a um cabo esticado mas sim a um cabo lasso que pode arrastar o avião inimigo consigo e isto ainda mais, visto no momento do contacto do avião um cabrestante em terra desprender-se, dando ao cabo mais comprimento.

Durante trovoadas os cabos são ligados à terra para proteger as tripulações contra os raios e durante grandes temporais serão levantados papagaios que servirão em lugar dos balões para segurar os cabos.

Ao contrário do sistema inglês, os balões alemães de protecção não estão postos em forma circular à volta do ponto a proteger, mas sim em forma de xadrez como se costuma fazer nos campos de minas.

Como já acima fica dito, não se pode no entanto hoje dizer qual o melhor sistema, visto ainda não ter havido uma única tentativa de qualquer lado que permitisse qualquer critério a este respeito, mas notou-se que também a Bélgica está a adquirir este meio de defesa.

um ente possuidor de alma nobre saberá prever o que lhe dará o futuro, ao lado dum ente privilegiado como tu!

Olha que os homens divertem-se, e parecem por vezes alheios ao que se passa; mas no fundo, a maioria observa e avalia, como «ouro»,... o que é «ouro».

Quero que te sintas ufana e orgulhosa, da obra prima que de ti fizeram os teus pais e aquelas que te educaram.

Como lamento não ter filhos, e que um deles pudesse merecer-te!

Creio que te disse agora o mais possível, e termino com o melhor dos abraços.

Tua

ANGELIS.

A propósito da *Avenida dos Pombais* já nestas colunas se afirmou mais duma vez que, em Junho de 1934, quando a Câmara da Presidência do Sr. Dr. João Rocha dos Santos foi substituída, as obras estavam interrompidas havia certo tempo e que haviam sido continuadas pela vereação presidida pelo Sr. Dr. José Francisco dos Santos. Já aqui se declarou mais duma vez também que foi esta última vereação que conseguiu, para as referidas obras, uma comparticipação do Estado de 169 contos, dos quais a Câmara chegou a receber 108 contos e 700 escudos e que, com tal comparticipação, prosseguiram as obras de terraplanagem e construção de muros de suporte até ficarem no estado em que ainda se encontram.

Pois apesar de tudo isto dizia o *Noticias de Guimarães* de 11 do corrente, sob o título de

«Avenida dos Pombais:

«Ainda em Fevereiro corrente ou Março próximo se iniciarão as obras de terraplanagem, construção de passeios, pavimentação a paralelepípedos, jardinagem, arborização e iluminação da Avenida dos Pombais, tam felizmente iniciada, em 1933, pelo grande e benemérito vimaranense Sr. Dr. João Rocha dos Santos, e que só agora volta a merecer o interesse do Município desta cidade».

Os sublinhados são nossos.

Assoc. Fúnebre Familiar D. Ulmaranense SESSÃO DA DIRECÇÃO

Reuniu no passado dia 7 de Fevereiro a direcção desta Associação Mutualista, sob a presidência do seu presidente, secretariado pelo secretário, estando presentes, o tesoureiro directores, e membros do conselho fiscal.

Aberta a sessão pelo sr. presidente pelas vinte e meia horas, procedeu-se a leitura da acta anterior, que foi aprovada e assinada. O sr. tesoureiro informa que os requerimentos de tutela n.º 190 e 191, se encontram nas condições da alínea a) do art. 13 do regulamento, sendo resolvido deferi-los.

Presente uma petição dos sócios n.º 4.968 e 4.969, pedindo para serem concedidos os direitos a uma sua filha que há dois meses está na sua companhia, consignados nos Estatutos. A direcção indeferiu por se não encontrar nas condições do n.º 5 do art. 10.º dos Estatutos.

O sr. presidente comunica que de harmonia com a resolução tomada na sessão anterior, foi juntamente com os srs. tesoureiro e director Cunha Machado, avistar-se com o ex.º sr. arcepreste, tendo sua rev.ª houvido atenciosamente a exposição feita, prometendo o seu incondicional apoio para esta iniciativa.

Seguidamente, foi resolvido que para futuro tôdas as compras para a Secção Funerária sejam feitas, mediante prévia consulta de preços, às casas de especialidade. Foram presentes tôdas as contas e mais documentos referentes ao mês de Janeiro, verificando-se que a caixa acusa um saldo positivo de 2.015\$65, pelo que, verificando-se que tudo estava em ordem, foram aprovadas por unanimidade.

Admitidos 71 novos sócios, bem como foram tomadas algumas resoluções de character interno. Como nada mais houvesse a tratar o sr. presidente encerrou a sessão pelas vinte e três e meia horas.

o Sindicato dos Sapateiros

De facto, a séde do Sindicato dos Sapateiros do distrito foi tirada de Guimarães para Braga.

Era esta a notícia que não quise-mos dar no ante-penúltimo número senão sob reserva, mas que pode agora ser dada com certeza.

Com os operários não só deste sindicato, mas também de outros, lamentamos o que foi feito, não por espírito de revolta instintiva, mas por amor à causa do corporativismo, por desejo de ver as organizações operárias em marcha para a perfeição, seguindo sempre atrás da verdade e da justiça.

O que se deu teria seguido fielmente o caminho da justiça e procurado a perfeita organização!?

A lei, pelo que diz e pelo espírito que a anima não é clara, quando determina que o sindicato dos operários duma indústria tenha a sua séde na localidade onde houver mais estabelecimentos (e por consequência, operários) dessa indústria?!

Se era verdade que não havia, até há pouco, aquêle determinado número de sócios, julgamos que 100, a pagar as suas cotas para o Sindicato dos Sapateiros, porque mais do que esse número estavam inscritos, isto não ficaria agora remediado com a cotização obrigatória?

Será também honesto que, a pesar de Guimarães ter direito à séde desse sindicato, assim se tivesse procedido só no momento em que tinha sido decretada a cotização obrigatória? Este organismo já tinha sido fundado por alvará de 31 de Outubro de 1936!

Sim, mas nesse tempo as direcções do sindicato passavam momentos de verdadeira amargura e de heróica luta com a crise económica que continuamente espreitava ao seu cofre e agora elas iam viver melhor, fazer mais, mostrar que também eram capazes de brilhar com a ajuda do «vil metal»...!

Poderia — e a direcção assim tentava — pagar contas que por impossibilidade de satisfação estavam em dívida, a séde teria o indispensável, mobiliário e instalação. A direcção poderia cumprir melhor.

Além de tudo isto: para onde teria ido o moral daqueles operários que tanto se sacrificaram, no período de crise? Poderão eles ter o mesmo entusiasmo, a mesma vontade de trabalhar pela organização corporativa, quando daqui lhes levaram o que por alvará do Ex.º Sr. Sub-Secretário, lhe tinha sido dado?!

Dantes sem dinheiro, sem apoio moral... agora, mais do que isso, sem séde também.

Esperamos que esta retirada que nos pareceu, além de tudo, pouco estratégica também, seja desfeita sem ser preciso recorrer, para bem da Organização Corporativa, aos últimos argumentos.

Além disso é preciso que os operários sapateiros de Braga se lembrem de que só a justiça lhes deve interessar, e de que recebem muita obra dos armazéns de Guimarães!

Lêde e propagai

«Ressurgimento»

Problemas Sociais

Que querem vocês?

A propósito de um artigo «Direito ao Trabalho» que há dias publicamos, chegaram até nós comentários vários, como consultas curiosas, como por exemplo esta:

«Que querem vocês, os da teoria corporativista?»

Antes de mais nada, queremos elucidar o nosso anónimo consultante que o Estado Corporativo Português está a dar forma jurídica ao pensamento dos doutrinadores nacionalistas do após-guerra e às reivindicações operárias de origem cristã, no sentido da valorização do conjunto nacional e do bem-estar dos trabalhadores.

Assim, nas suas linhas gerais, o Estado Novo, que, como o afirmou corajosamente o dr. Pedro Teotónio Pereira, não é burguês nem proletário, mas corporativo, propõe realizar, na ordem social, a elevação do conceito do trabalho — dignificando-o e humanizando-o, dando-lhe um lugar espiritual e cristão — o salário familiar, a protecção e auxílio na doença, na velhice e no desemprego involuntário, um período de férias pagas, pensões de reforma — que se obterão por meio das caixas ou instituições de previdência corporativa — a criação de lactários, creches e asilos para velhos e inválidos, a construção de habitações económicas, etc.; na ordem económica, a fixação do justo preço, a disciplina da produção, a regulamentação da concorrência, a cooperação dos produtores, a harmonia entre todos os elementos económicos, o contrato colectivo de trabalho, etc.

São estes, em síntese, os princípios de justiça económica e de resgate social que não-de, num futuro mais ou menos próximo, resolver outro grande problema da actualidade: o problema da distribuição da riqueza.

Nesta conformidade, o trabalhador (e trabalhadores são todos os que exercem uma actividade profissional), se merece a atenção do Estado — mantendo-lhe melhores condições de vida e prendendo-o a laços fortes de solidariedade moral e social — deve também merecê-la, e justa, e perfeita, por parte do empresário, que deve ver nele, não um seu instrumento de lucro — ou apenas o braço que executa — e sim um colaborador real e activo do desenvolvimento económico da empresa, como elemento nobre da produção que é. Buscamos ir mais longe: deve considerá-lo, não só como factor precioso de cooperação, mas ainda como chefe de família, como indivíduo com aspirações humanas, uma alma que necessita amparo, uma sensibilidade que requiere dignidade.

E' tempo de considerar que o operário não deve ser encarado como simples engrenagem do maquinismo social ou como uma coisa no processo da produção: tem uma alma, uma sensibilidade, um coração, e por conseguinte é mister seja considerado como um ser espiritual, digno da protecção da nossa alma, da nossa sensibilidade, do nosso coração! Só assim veremos o trabalhador a gabar a consciência da sua função, a interessar-se pelo movimento progressivo da oficina, a compreender que «o seu interesse e o da empresa que serve, de cuja prosperi-

Problema Pedagógico — Assistência Escolar

A Assistência Escolar representa, como problema Pedagógico, uma necessidade que requiere urgente satisfação.

Quázi nada existe dentro do nosso País, o que é uma das causas de depauperamento, tanto físico como moral e intelectual.

Posso afirmar, porque luto neste campo, que das noções legisladas poucas se cumprem. Não pretendo ser derrotista, antes pelo contrário, desejo realização consciente e sequente.

Diz-se: — A escola é um direito para a criança, um dever para todos os pais e uma obrigação para a sociedade. Pouco eloquente, mas tam concisa fórmula define a escola moderna, aberta para todos e na qual o programa responde a tôdas as exigências duma educação integral, satisfazendo assim uma necessidade social evidente. Deve ser, segundo Waxweiler: «o progresso constante no estado físico do homem, na formação e utilização das suas faculdades mentais, na educação da vontade, tendo como suporte a moral — em suma deve criar o homem normal com condições de vida e dar-lhe capacidade para trabalho mais útil.»

Se a Escola é uma obrigação para a sociedade, não é compreensível que esta se desligue daquela obrigação, lançando-a ao mais completo abandono.

Incumbe-lhe cuidar da higienização do edifício escolar, da alimentação e vestuário das crianças, do seu crescimento fisiológico, das suas doenças, das suas tendências e vocações, etc.

Visto assim o quadro, pergunta-se: — a nossa sociedade está apta a satisfazer estas exigências que o problema da Educação envolve?

Eis alguns dos ramos de Assistência para-escolar que, no estrangeiro, tem produzido efeitos de larga amplitude benemérita: — Vigilantes Pedagógicos — que são reflexo em bom uso do antigo pedagogo Atenienense

dade, no comentário de Marcelo Caetano, depende o próprio bem estar e de cuja ruína poderá vir a miséria da fome».

Eis porque tem razão a escola do sindicalismo católico, quando observa o princípio de o patrão nunca se dever desinteressar da pessoa do operário nem esquecer-se do esforço, das necessidades, das solicitações justas, da vida emfim que a dignidade do homem impõe, exactamente porque o trabalhador é, acima de tudo, uma alma.

Que querem vocês, os da teoria corporativista? pergunta, talvez intencionalmente, «Um industrial».

Nós queremos, primeiro que nada e acima de tudo, uma revolução (que seja uma evolução!) — não de fora para dentro, mas de dentro para fora! — na consciência e na inteligência de todos os portugueses, especialmente daqueles em cujos ombros carrega o peso de responsabilidades sociais.

Talvez em artigos sucessivos, neste jornal, possamos definir, em cada um deles o que nós queremos.

FRANCISCO BRANDÃO.

e que tem por missão vigiar a educação, quer dentro quer fora da escola, indo até ao seio da família colher elementos para as correções necessárias;

Cantinas e Asilos Escolares — que procuram fornecer às crianças pobres o alimento necessário para o seu desenvolvimento orgânico;

Colónias de Férias — onde as crianças das cidades possam refugiar-se, indo para os campos ou praias receber a acção benéfica e salutar da Natureza;

Bibliotecas e Museus infantis — para as lições de cousas e recreios de espírito;

Obra de enfermagem Escolar e Assistência Médica — que vou desenvolver, porque reconheço a sua intervenção urgente. Deixarei para outra ocasião a obra de assistência post-escolar.

A Acção escolar deve desenvolver-se com a missão de preparar o futuro. E' tam complexa esta acção que exige a intervenção do médico, em tôdas as circunstâncias. A sua função será a de documentar a obra pedagógica, a fim de que tôdas as medidas sejam tomadas o mais rapidamente possível. A acção conjunta do Educador e do médico-escolar transformaria por completo tantas taras físicas, intelectuais e morais, que constantemente verificamos.

O médico-escolar interveria na apreciação do valor intelectual da criança, permitindo assim ao mestre realizar a homogeneidade, tanto quanto possível, dentro da classe, o que contribuiria imenso para o bom êxito dos seus esforços. Estudariam em conjunto a técnica do ensino, sistemas disciplinares e horários.

¿ Mas quanto não valeria a acção do médico no problema do combate à tuberculose e outras doenças contagiosas? E' indiscutível e não precisa mais comentários.

¿ Quantos conhecimentos poderia fornecer e quantos conselhos indispensáveis sob o ponto de vista educacional, da profilaxia individual e da protecção à sociedade? A realização d'este ideal não virá longe para nosso bem. A Bélgica, por exemplo, já em 1914 impunha, como necessária, a inspecção médica a tôdas as escolas e obrigava, para cada criança, a existência duma caderneta sanitária com o resumo de tôdas as características do desenvolvimento integral dessa criança.

Veríamos, como diz o grande higienista Calmette: — «A saúde pela educação.»

Exige a Pátria filhos fortes? Impõe-se-nos o dever de os conseguir

ALBERTO A. DE M. VASCONCELOS.

Tear «Jacquard»

Compra-se um tear «Jacquard» de 1.200 agulhas e com pente de 1^m,50 aproximadamente, uma urdideira de tambor e uma caneleira de 4 fusos, em perfeito estado de conservação.

Manuel de Sousa Oliveira — Urges — Guimarães, ou em Braga na Rua 5 de Outubro, n.º 80.

Pela verdade

Rectificação

No artigo que no último número publicámos, com o título que encima estas linhas, passou um lapso que convém rectificar.

Afirma-se aí que, dispondo a Câmara de 500 contos anuais para melhoramentos, se poderiam realizar obras no valor de 700 contos, conseguindo-se 40 % de participações do Estado. Deveríamos ter dito 30 %. Com 40 % de participações, as obras a realizar valeriam mais de 800 contos, como é fácil de ver.

Com efeito, por cada 60 contos que a Câmara dispendesse, o Estado contribuiria com 40 contos, ficando a obra a valer 100 contos; dispendendo a Câmara 500 contos é evidente que as obras realizadas valeriam mais de 8 vezes 100, ou seja, mais de 800 contos.

JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS.

CASA DOS POBRES

Movimento durante o mês de Janeiro de 1940

Subsídios em dinheiro a 176 pobres, 4.077\$50; idem para renda de casa, a 160 pobres, 2.673\$50; idem para transporte aos inválidos, 20\$00; pernoitaram no albergue 253 pobres.

Barbearia: — barbas, 354; cortes de cabelo, 111.

Balneário: — banhos, 234; com despiohamento, 3.

Refeições fornecidas aos pobres; — sopas, 11.903; pães, 11.903; pratos, 765; vinhos, 840.

Vestuário fornecido: — 5 casacos, 4 calças, 8 camisas, 1 par de ceroulas, 4 saias, 5 blusas, 4 lenços, 5 aventais, 3 mantas, 4 vestidos.

Cozinha económica — refeições fornecidas aos operários: — sopas, 1.510; pratos, 2.549; pães, 2.004; vinhos, 1.474.

Lactário Municipal (Anexo à Casa dos Pobres): — 37 crianças que transitaram de Dezembro, 2 admitidas, 6 terminaram, 12 consultas, 89 pesagens, 635,5 litros de leite consumido e 6 quilos de farinha consumida.

Donativos recebidos: — J. M. R. J., 200\$00; Major Margaride, 20\$00; Lino Teixeira de Carvalho (Lisboa), 100\$00; D. Emilia Sequeira Braga Aldão, 20\$00; D. Laura Pereira Castro Costa, 20\$00; Fábrica de Tecidos de Vila Flor, Ltd.^a, diversos tecidos; Fábrica de Cortumes de Coimbra Ltd.^a, 30\$00; João Inácio da Conceição (Mira de Aire), uma bilha de azeite; D. Luiza Araujo Gomes Guimarães, 50\$00; Coronel Duarte do Amaral Pinto de Freitas, 2\$50; Carlos Cardoso (Pôrto), 100\$00; Castro, Sousa & C.^a (Pôrto), 200\$00; Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, duas peças de cotim; D. Albina Flores, 7\$50; António José de Oliveira, F.^{os}, 50\$00; Administração do Concelho, 25\$50; J. Ladeira Guimarães & C.^a, diversos tecidos e toalhas; Padre Manuel Freitas Leite, 10\$00; Caixa de Esmolas de Roldes, 510\$00.

Preço da assinatura

Anual	24\$00
Semestre	12\$00
Trimestre	6\$00
Avulso	\$50